



Meditar o Rosário

Frei Timothy Radcliffe, OP

Conferência de Frei Timothy Radcliffe, OP.,
Mestre da Ordem, na 90ª Peregrinação do Rosário

Quando foi pedido para falar do Rosário, devo confessar que tive um momento de pânico. Nunca li nada sobre o Rosário, nem refleti sobre ele em minha vida. Estou certo de que a maioria de vocês tem ideias mais profundas sobre o Rosário do que eu tenho. Para mim, o Rosário é justamente algo que realizo sem pensar nele, como o respirar. Respirar é muito importante para mim. Estou respirando todo o tempo, sempre, porém nunca dei uma conferência sobre a respiração. Rezar o Rosário, como o respirar, é muito simples. O que se pode dizer disso?

A SIMPLICIDADE

Pode parecer curioso que uma oração tão simples como o Rosário se associe particularmente com os dominicanos. Raramente se pensa nos dominicanos como pessoas simples. Temos fama de escrever obras extensas e complexas de Teologia. No entanto nos pedem para manter o Rosário. É a nossa santa herança". Há uma longa tradição iconográfica de Nossa Senhora dando o Rosário a São Domingos. Num certo momento outras Ordens religiosas, zelosas, se puseram a incumbir quadros de Nossa Senhora estendendo o Rosário a outros santos: a São Francisco, e, inclusive, a Santo Inácio. Nós nos defendemos e, no século, creio que foi no XVII, chegamos a convencer o Papa para que pusesse fim à contenda. Desde então, só se permite representar Nossa Senhora dando o Rosário a Domingos.

Mas, por que esta simples oração é tão querida para os dominicanos? Talvez porque no coração da nossa tradição teológica persista uma aspiração à simplicidade. Santo Tomás de Aquino dizia que não podemos compreender a Deus porque Deus é essencialmente simples. Sua simplicidade supera todas as nossas concepções. Estudamos, enfrentamos problemas teológicos, pomos à prova os nossos espíritos, com a finalidade de se aproximar do mistério de quem é total simplicidade. Devemos ir mais além da complexidade para chegar à simplicidade.

Há uma falsa simplicidade da qual havemos de nos desfazer. É a simplificação dos que sempre têm resposta fácil para tudo, que sabem tudo de antemão. São, ou muito preguiçosos, ou bem incapazes de pensarem. E aí está a verdadeira simplicidade, a do coração, a simplicidade dos olhares claros. Aí não podemos chegar senão lentamente, com a graça de Deus, aproximando-nos, tateando a deslumbrante sinceridade de Deus. O Rosário é simples, com efeito muito simples. Porém trata-se de uma simplicidade sábia e profunda, à qual aspira-

mos, e na qual encontramos a paz.

Diz-se que, chegando à velhice, São João Evangelista chegou a ser completamente simples. Que gostava de brincar com uma pomba e tudo o que dizia àqueles que vinham vê-lo era: “Amai-vos uns aos outros”.

Nem você, nem eu nos sentiríamos satisfeitos com esta resposta. Ninguém acreditaria em nós. Somente alguém como S. João, que escreveu o mais rico e o mais complexo dos Evangelhos, pode chegar à verdadeira sinceridade da sabedoria e não dizer mais que: “Amai-vos uns aos outros”. Da mesma maneira, somente um Santo Tomás de Aquino, depois de ter escrito sua grande Suma Teológica, pode dizer que tudo o que escreveu é “como palha”. Sem, o Rosário é muito simples. Talvez seja um convite para descobrir esta simplicidade profunda da verdadeira sabedoria. Dizia-se do P. Lagrange, um dos fundadores dos estudos bíblicos modernos, que fazia três coisas cada dia: estudar a Bíblia, ler o jornal e rezar o Rosário.

Também gostaria de mostrar que o Rosário não é somente uma simplicidade verdadeira e profunda, mas que possui características verdadeiramente dominicanas.

O ANJO PREGADOR

A “Ave Maria” começa com as palavras do Anjo Gabriel: “Deus te salve, Maria, cheia de graça, o Senhor está contigo”. Os anjos são pregadores profissionais. É o seu próprio ser aquele que proclama a Boa Nova. As palavras de Gabriel são um sermão perfeito. E breve. Proclama a essência de toda pregação: “O Senhor está contigo”. É aí onde nós encontramos o coração da nossa vocação: dizemo-nos uns aos outros, “Ave, Daniel! Ave, Eric!, o Senhor está contigo”. Por isso Humberto de Romans, um dos primeiros Mestres da Ordem, dizia que nós, os dominicanos, somos chamados a viver como anjos. Tenho que confessar, no entanto, que, de acordo com a minha experiência, a maioria dos Dominicanos não são especialmente angélicos.

Em dezembro passado encontrava-me em Ho Chi Minh-Ville, em minha visita canônica à Província do Vietnã. No final da nossa jornada de trabalho, o meu Sócio e eu gostávamos de sair e nos perdermos nas pequenas ruas da cidade. Um dos nossos prazeres consistia em escaparmos do espião que o governo enviava para ver o que nós podíamos “fabricar”. Enquanto atravessávamos o labirinto de ruas cheias de vida, podíamos ver pessoas que apostavam co-

miam, falavam, jogavam bilhar. Em muitas das casas se viam imagens de Buda. Uma tarde, numa volta à rua, entramos em um parque e, ali, no meio se encontrava a estátua de um dominicano com asas. Era São Vicente Ferrer que era sempre representado como um anjo. Era o grande pregador. Daniel me disse que o considerava como o anjo do Apocalipse, anunciando o fim do mundo. É claro que nenhum pregador pode ter razão sempre... Assim, o Arcanjo Gabriel é um bom modelo para nós, dominicanos.

Ainda há outro aspecto. A “Ave Maria” é uma espécie de homilia. Uma homilia não nos fala somente de Deus. Nasce da Palavra que Deus nos dirige. A pregação não é unicamente a narração de acontecimentos vinculados a Deus. Dá-nos a Palavra de Deus, Palavra que rompe o silêncio entre Deus e nós.

“Deus te salve, Maria, cheia de graça”. O início de tudo é a Palavra que escutamos. São João

escrevia: “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas que Ele nos amou primeiro e enviou o seu Filho como vítima de propiciação por nossos pecados” (1 Jo.4,10). De fato, na época de São Domingos, a “Ave Maria” não estava formada mais que somente das palavras do anjo e da Isabel. Nossa oração estava feita de palavras que nos haviam dado. Somente mais tarde, depois do Concílio de Trento, foi acrescido nosso próprio discurso a Maria.

Com frequência concebemos a oração como o esforço feito para falar a Deus. A oração parece, às vezes, uma luta para alcançar a um deus distante. Trata-se apenas de que Ele nos ouça? Esta oração simples nos recorda que não é assim. Não somos nós quem rompemos o silêncio. Quando nós falamos, é uma resposta às palavras recebidas. Entramos numa conversa que não foi iniciada por nós. O anjo proclama a Palavra de Deus. E isto cria um espaço no qual nós podemos falar por turnos: “Santa Maria, Mãe de Deus”.

Nossa vida sofre com frequência por causa do silêncio. É o silêncio do céu que parece, às vezes, estar fechado. É o silêncio que parece nos separar uns dos outros. Mas a Palavra de Deus chega a nós pela boa pregação e rompe as grandes barreiras. Estamos liberados do nosso mutismo, capazes outra vez de receber a Palavra. Sentimos chegar a Palavra, as palavras destinadas a Deus e as palavras que nos dirigimos uns aos outros.

Talvez possamos ir mais longe. O Mestre Eckhart disse “Nós não rezamos. Nós somos rezados”. Nossas próprias palavras são a ressonância, a prolongação da Palavra que nos foi dirigida. Em nossas orações quem reza em nós, bendiz, glorifica em nós. Como escrevia São Paulo, quando gritamos: “Abba, Pai, o Espírito em pessoa se une a nosso espírito para testemunhar que somos filhos de Deus...” As saudações do anjo e de Isabel a Maria continuam nas palavras que nós lhe dirigimos, a segunda metade da oração foi eco da primeira. O anjo disse: “Deus te salve, Maria, cheia de graça”; em nossos lábios isto chega a ser o mesmo cumprimento: “Santa Maria”, disse Isabel, “bendito o fruto do teu ventre”, e nós dizemos: “Mãe de Deus”. Nós somos alcançados pela Palavra de Deus. Assim em nossa oração, é Deus quem fala em nós. Somos engajados no diálogo que é a vida da Trindade.

Também quisera olhar esta simples oração da “Ave Maria”, como uma pequena homilia modelo. Ela proclama a Boa Nova. E como todas as boas homilias faz bem. Não se contenta em nos dar informação. Oferece uma Palavra de Deus, uma palavra que faz eco em nossas próprias palavras, uma palavra que vai mais além do nosso silêncio e nos dá voz.

UMA ORAÇÃO PARA A CASA E UMA ORAÇÃO PARA O CAMINHO

Contudo há outro aspecto que é muito dominicano. É uma oração para a casa e uma oração para o caminho. É uma oração que constrói uma Comunidade e, ao mesmo tempo, nos impulsiona para a viagem. Dá-se aí uma linha muito dominicana. Temos necessidade de nossas comunidades. Temos necessidade de lugares onde estarmos entre nós, com nossos irmãos e nossas irmãs. E ao mesmo tempo somos pregadores itinerantes, não podemos nos assentar demasiado tempo, mas devemos nos lançar à pregação. Somos contemplativos e ativos. Permitam-me explicar agora como o “Deus te salve, Maria” está marcado por esta linha.

Pensem nos grandes quadros da Anunciação. Em geral nos apresentam uma cena doméstica. O anjo foi à casa de Maria. Ela está ali, em seu quarto e, normalmente, lendo. Com frequência se vê no fundo uma fiadeira ou uma vassoura contra a parede. Fora, um jardim.

É aqui, em sua casa, onde começa a história. E é justo que assim seja, já que a Palavra de Deus constrói o seu lar entre nós. Deus vem instalar a sua tenda entre nós.

Até certo ponto, o Rosário é com frequência a oração da casa de Maria e da comunidade. Tradicionalmente se rezava todo dia nas famílias e nas comunidades. Desde a metade do século XVI são criadas as confrarias do Rosário que se reuniam para rezarem juntos. Por isso o Rosário está profundamente associado à comunidade, à oração compartilhada. Devo confessar que tenho recordações bastante ambíguas do Rosário em família. Em nossa casa não se rezava o Rosário, mas eu acostumava ir à casa dos primos que o rezavam todos os dias em família. Com frequência era uma catástrofe. Em algumas tardes se fechavam as portas, mas os cachorros entravam sempre na sala, se punham no meio da família lambendo o rosto das pessoas. Assim pouco importavam as nossas piedosas intenções, a risada acabava acontecendo. Por isso cheguei a temer o Rosário em família.

Assim, pois a saudação do anjo à Maria estática em sua casa. O anjo vem perturbar a sua vida doméstica. Penso com frequência em uma maravilhosa Anunciação pintada por nosso irmão Domenico Petiti, que vive e trabalha no Japão. Mostra Gabriel, um grande mensageiro, cobrindo uma parte da tela. Maria é uma jovem garota japonesa, graciosa e reservada, cuja vida se vê conturbada. É uma viagem que a levará à casa de Isabel, a Belém, ao Egito, a Jerusalém. Esta viagem a levará até romper o seu coração, ao pé da cruz. Esta viagem a conduzirá, finalmente, até o céu, à glória.

O Rosário é, pois, também a oração dos que viajam, dos peregrinos como vocês. Aprendi a amar o Rosário justamente como oração das minhas viagens. É uma oração para os aeroportos e os aviões. É uma oração que eu rezo com frequência quando desço em um novo lugar, quando me pergunto o que vou encontrar ali e o que tenho que oferecer. É uma oração para se descolar, agradecer por tudo o que tenho recebido dos irmãos e das irmãs. É uma oração através da Ordem.

Penso que a estrutura desta viagem marque o Rosário de duas maneiras. Está presente nas palavras de cada "Ave Maria". Está presente no percurso dos mistérios do Rosário.

A.- DEUS TE SALVE, MARIA: A HISTORIA DO INDIVIDUO

Cada "Ave Maria" evoca a viagem individual que cada um de nós deve fazer, do nascimento à morte. Está marcado pelo ritmo biológico de toda vida humana. Ele destaca os três únicos momentos de nossa vida dos quais podemos estar absolutamente seguros: nascemos, vivemos agora e morreremos um dia. O começo, o princípio de toda vida humana, a concepção no seio materno. E agora nos situa no momento em que nós pedimos a Maria as suas orações. Leva em conta a morte, nossa morte. É uma oração incrivelmente física. Está marcada pelo inevitável drama corporal de todo ser humano que nasceu e deve morrer.

E isto, sem dúvidas, é um bem dominicano pois a pregação de Domingos começa no Sul da França, não longe daqui, contra os hereges que desprezavam o corpo e que consideravam a criação inteira como má. Enfrentava-se uma série de modas de espiritualidade dualista que afluem regularmente na Europa. Santo Agostinho, de quem nós seguimos a regra, foi pego em outro desses movimentos quando jovem. Foi maniqueísta. Hoje ainda um grande "campo" do pensamento popular é profundamente dualista. Os estudos mostraram que os cientistas modernos pensam geralmente na salvação em termos de escapatória do corpo.

Mas a tradição dominicana destacou sempre que somos seres físicos, corporais. Tudo o que somos vem de Deus. Recebemos em alimento o Sacramento do corpo e sangue de Jesus; esperamos a ressurreição dos corpos. A viagem que cada um de nós deve percorrer é, em primeiro lugar, físico, biológico, e ele nos guia desde o ventre de nossa mãe até a tumba. É neste espaço temporal onde encontraremos Deus e encontraremos a salvação. É esta simples oração a que nos ajuda no percurso deste caminho.

1.- A Concepção.

As palavras do anjo prometem fertilidade, a fertilidade a uma virgem e a uma mulher estéril. A bênção de Deus nos faz fecundos. Cada um de nós, por seu nascimento individual, é o fruto de entranhas benditas. Eu creio que a bênção prometida pelo anjo toma sempre a forma de fecundidade em toda a vida humana. É a bênção de novos inícios, a Graça da frescura. Talvez estejamos feitos à imagem e semelhança de Deus para que compartilhamos a criatividade de Deus. Somos seus sócios na criação e na recriação do mundo. O exemplo mais dramático e mais milagroso é o nascimento de uma criança. Os homens, que não podem no entanto viver sem este milagre, são benditos pela fertilidade. Frente à esterilidade, a aridez, a futilidade, Deus vem nos oferecer um mundo fértil. Cada vez que Deus se aproxima de nós é para nos tornar criativos, ou para nos transformar, para nos renovar, ou seja ao lavar a terra, ao plantar e semear, o bem na arte, na poesia, na pintura.

“Bendito o fruto do teu ventre”. Talvez a melhor maneira de pregar o milagre desta fertilidade seja a arte, a pintura, o canto, a poesia. Aí estão, pois, as modestas participações desta mesma bênção, desta infinita fertilidade de Deus.

Uma história encantadora, contada por Malraux a Picasso, conta como quando Bernardete de Lourdes entrou no convento, uma multidão de pessoas lhe enviava imagens da Virgem, Ela, no entanto, não as teve nunca no seu quarto, visto que, dizia, estas estátuas não se pareciam com a mulher que ela havia visto. O bispo lhe enviou álbuns de quadros célebres da Virgem, pintados por Rafael, Murillo e outros. Observou os rostos barrocos dos quais havia visto representações e as virgens do renascimento. Nenhuma lhe parecia exata. Em seguida viu a Virgem de Cambrai, cópia do século XIV, um antigo ícone bizantino. Então disse: “é ela”.

Não é talvez surpreendente que a jovem que havia visto a Virgem a reconhecesse em um ícone, fruto da arte sagrada, fruto de uma santa criatividade.

2. Agora.

E o Rosário evoca também outro momento, ano apenas o do nascimento, mas o momento presente. “Rogai por nós pecadores, agora”. Agora é o instante presente na peregrinação de nossa vida, quando devemos nos manter, sobreviver, prosseguir o nosso caminho para o Reino.

É interessante recalcar esse instante presente, considerado como um momento no qual nós, pobres pecadores, necessitamos de compaixão. Uma compaixão profundamente dominicana. Recordareis como Domingos rezava sempre assim a Deus: “Senhor, tende piedade de teu povo. O que será dos pobres pecadores?” O presente, um momento no qual necessitamos de compaixão, de misericórdia. Na Capela Sistina há fresco do Juízo Final e nele um homem é içado fora do purgatório por um anjo do Rosário.

O presente é tempo no qual devemos sobreviver, ignorando quanto teremos que esperar pelo Reino. Um dominicano americano voltou para a China há alguns anos. Ao chegar encontrou ali diversos grupos de leigos dominicanos que haviam resistido aos anos de perse-

guição e de isolamento. A única coisa que haviam guardado durante todos esses anos foi a recitação do Rosário juntos. Era o pão cotidiano da sobrevivência.

E tendo ido a regiões afastadas do México, ali encontraram grupos de leigos dominicanos que, não tendo tido contato com a Ordem desde há muitos anos, vários dos nossos irmãos descobriram o mesmo. A única prática que se mantinha era a oração do Rosário. É a oração para os que sobrevivem no tempo presente.

Bede Jarret, provincial inglês nos anos trinta, enviou à África do Sul um membro da sua província chamado Bertrand Pike. Ia para ajudar na nova missão da Ordem. Porém Bertrand se sentiu incapaz de enfrentar tal tarefa. Bede lhe recordou, em uma carta, certa época, durante a guerra, em que havia tirado ânimo na reza do Rosário. “Você se lembra daquele dia terrível em que devia atravessar as trincheiras em Ypres, quando lhe faltava ânimo e depois de três ou quatro tentativas nas que você se atreveu a passar, você se deu conta de que os bordos recortados das contas do seu Rosário tinham mordido a carne de seus dedos, naquele movimento inconsciente de agarrá-lo tentando tirar ânimo naquelas tentativas... Meu querido Bertrand, ânimo e medo não se opõem. Somente têm valor aqueles que cumprem com o seu dever mesmo quando têm medo”.

3.- NA HORA DE NOSSA MORTE

O último momento de nossa vida corporal do qual estamos seguros é a morte. “Rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte”. Ante a morte, rezamos o Rosário. Eu acabo de voltar de Kinshasa, no Congo, onde muitos de nossos irmãos enfrentaram a morte nestes últimos anos. A Provincial das Irmãs Missionárias de Granada, Sórora Cristina, comentou como durante a última guerra, ela e suas irmãs tiveram que fugir de sua casa para o Norte do Congo. Alguns de seus amigos as esconderam no monte. Ela é médica e na fuga se cruzou com um homem cuja esposa havia sido salva por ela. Ele lhe disse que agora era a sua vez de lhe salvar a vida. Ouviram disparos de fuzis ao seu redor. Disse-lhes que os rebeldes haviam encontrado o seu esconderijo e que viriam logo para matá-las. Diante desta morte anunciada, as Irmãs rezaram o Rosário. É a oração que Maria fará por nós quando estejamos diante da morte. Não estaremos sozinhos. Lembro-me agora de meu pai. Durante a segunda guerra mundial, a minha mãe e seus três filhos maiores ficaram em Londres. Logo eu ia nascer. Apesar das bombas que, noite após noite, arrasavam Londres, a minha mãe persistia no seu empenho de estar disponível ante a eventualidade de que meu pai pudesse ter permissão para voltar para casa. Meu pai prometeu que se toda a família sobrevivesse à guerra, rezaria o Rosário todas as noites. Assim, entre as minhas lembranças da infância, vejo o meu pai, tarde após tarde, antes do jantar, percorrendo o salão em largos passos rezando o Rosário. Agradecia, todas as noites, porque todos havíamos sobrevivido a esta ameaça de morte. Uma das últimas lembranças que guardo do meu pai é o que se refere a uns momentos antes de sua morte. Estava já demasiado fraco para poder rezar. Assim, pois, a sua família, sua mulher e seus seis filhos se reúnem ao redor de sua cama e rezam o Rosário por ele. Era a primeira vez que ele não podia fazê-lo. A sua morte, rodeado por todos nós, foi uma resposta a esta oração que ele tantas vezes havia repetido: “Rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte”.

T.S. Elliot implora em um dos seus poemas: “Rogai por nós agora e na hora da nossa morte, do nosso nascimento”. E tem razão. Devemos enfrentar estes três momentos de nossa vida: nascimento, presente, nossa morte. Porém em cada instante aspiramos à mesma coisa: um novo nascimento. Isto ao que aspiramos agora, como pecadores, não é uma piedade que se

contentaria em esquecer o que temos feito, mas a misericórdia que fará de nossas ações também um momento de renascimento, de um novo começo. E diante da morte, desejaremos, de novo, que as palavras do anjo venham nos anunciar uma nova fertilidade já que toda a nossa vida está aberta à infinita novidade de Deus, ao seu inesgotável frescor. O anjo vai e vem com novas anunciações da Boa Nova.

B.- OS MISTERIOS DO ROSARIO: A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

A Ave-Maria individual é, pois, a oração da viagem que cada um de nós deve percorrer, do Nascimento à morte passando pelo momento presente, já que, ao final das contas, nossa vida tem sentido em si mesma, individualmente. Mas também é verdade que a nossa vida não tem sentido total se não é incluída em uma história mais ampla que se estenda de todo princípio até o fim desconhecido, da Criação ao Reino. E esta amplitude vem dada pelos mistérios do Rosário que contam a história da Redenção.

Os mistérios do Rosário foram comparados à Suma Teológica de Santo Tomás. Contam à sua maneira, como tudo vem de Deus e tudo volta a Deus já que cada mistério do Rosário faz parte de um único mistério, o da nossa Redenção. “Levar novamente todas as coisas sob um só Senhor, o Cristo, tanto os seres terrestres como os celestes” (Ef.1,10).

Poder-se-ia pois dizer, que cada “Ave-Maria” representa uma vida individual, com sua história inteira da vida à morte. Mas todas estas “Ave-Marias” estão enlaçadas em uma história mais ampla, a da Redenção. Temos necessidade de duas dimensões, uma história em dois níveis. Preciso dar forma e sentido à minha vida, à história da minha carne e do meu sangue, com meus fracassos e meus sucessos. Se não há lugar para a minha história individual, perder-me-ei na história da humanidade já que Cristo me disse: “Hoje estarás comigo no paraíso”. Tenho necessidade desta Ave-Maria individual, meu pequeno drama pessoal, para fazer frente à minha pequena morte pessoal. A minha morte não significa, talvez, grande coisa para a humanidade, mas para mim será bem mais importante.

No entanto, não basta o manter-se neste nível pessoal. Devo ver a minha vida inserindo-a no drama mais amplo do desígnio de Deus, a minha história não tem sentido fechada em si mesma. A minha Ave-Maria individual deve encontrar lugar nos mistérios do Rosário. Assim, o Rosário propõe o perfeito equilíbrio do que necessitamos para a busca do sentido de nossa vida, por sua vez no plano individual e no plano coletivo.

C.- A REPETIÇÃO

Tentei dar de modo sucinto algumas razões pelas quais o Rosário é certamente uma devoção profundamente dominicana. A “Ave-Maria” contém todas as características de uma homilia perfeita e, além do mais, breve. E o Rosário em seu conjunto está marcado pelo tema do caminhar, o nosso e o da comunidade. Tudo isto confere muito bem com a vida da Ordem dos pregadores itinerantes. Tivesse podido insistir sobre outros aspectos, como os fundamentos bíblicos dos mistérios, pois se dá aí uma meditação prolongada da palavra de Deus nas Escrituras. Porém já falei suficiente.

Não obstante, devo responder a uma última objeção. Quis evocar a riqueza teológica do Rosário. O fato é, no entanto, que ao rezar o Rosário raramente se pensa no que é. Na realidade não pensamos na natureza da pregação, ou na história humana e o seu nexos com a história da salvação. Fazemos um grande vazio em nosso espírito. Inclusive, suceder-nos-á, às vezes,

que nos perguntemos o porquê, pois, repetimos sem cessar as mesmas palavras sem pensar nelas. Desde o princípio de nossa tradição, os nossos irmãos e irmãs amaram esta repetição. Afirma-se que o nosso irmão Romeo, morto em 1261, recitava mil Ave-Marias por dia.

Numerosas religiões levam a marca desta tradição da repetição de palavras sagradas. No domingo passado, perguntando-me o que ia dizer do Rosário, ouvi na BBC uma cerimônia budista que consiste aparentemente em uma perpétua repetição de palavras sagradas. Muitas vezes foi dito que o Rosário é bastante parecido com essas antigas orações orientais e que a constante repetição das mesmas palavras podem realizar em nosso coração uma lenta, porém profunda transformação. Como isto é bem sabido por todos, não insisto nisso.

Poder-se-ia sublinhar que esta repetição não é necessariamente sinal de uma falta de imaginação. Um puro prazer, um prazer exuberante, pode fazer-nos repetir as palavras. Quando amamos, sabemos bem que nunca basta dizer uma vez apenas “te amo”. Queremos dizê-lo uma e outra vez, esperando, também, que a outra pessoa deseje ouvi-lo uma e outra vez.

C.K. Chesterton explicava que a repetição é uma característica da vitalidade das crianças que gostam que lhes sejam contadas as mesmas histórias, com as mesmas palavras, uma e outra vez, e isto não por falta de imaginação ou aborrecimento, mas pela alegria de viver. Chesterton escrevia: “Porque as crianças transbordam de vitalidade, é por isso que são espontâneas e livres de espírito, por isso querem que as coisas se repitam e não mudem. Pedem sempre o “outra vez” e volta a começar uma e outra vez, até o final do esgotamento já que as pessoas mais velhas não são suficientemente fortes como para alegrar-se na monotonia. Talvez Deus seja suficientemente forte para alegrar-se na monotonia. Talvez Ele diga todas as manhãs ao sol: “Va outra vez” e todas as tardes à lua: “Va outra vez”. Não é forçosamente uma absoluta necessidade a que todas as margaridas sejam semelhantes; talvez Deus crie cada margarida separadamente, mas não se cansa nunca de fazê-las assim.

Talvez Deus tenha uma eterna vontade da infância já que se nós pecamos e crescemos, nosso Pai é mais jovem que nós. A repetição na natureza não é talvez uma simples repetição, mas como acontece no teatro, “um aquilão onde o céu chamaria o pássaro que vestiu”. Mais sobre a repetição. É verdade que rezando o Rosário não se pensa sempre em Deus: Pode-se continuar durante horas sem o menor pensamento. Mas alguém está simplesmente aí e diz as suas orações. E isto também pode ser bom. Quando recitamos o Rosário, celebramos que o Senhor está verdadeiramente conosco. Estamos em sua presença. Repetimos as palavras do anjo: “O Senhor está contigo”. É uma oração da presença de Deus. E se estamos em grupo, temos que pensar nos outros. Como escreveu Frei Simon Tugwell, OP.: “Eu não penso em meu amigo quando ele está ao meu lado; estou muito bem junto a ele desfrutando da sua presença. Quando está ausente é que eu começo a pensar nele. O fato de pensar em Deus nos impulsiona muito comodamente a trata-lo como se Ele estivesse ausente. No entanto, Ele não está ausente”.

Não tratemos, pois, de pensar em Deus enquanto rezamos o Rosário. Ao contrário, saboreemos as palavras do anjo dirigidas a cada um de nós: “O Senhor está contigo”. Nós repetimos continuamente as mesmas palavras com a exuberância vital e inesgotável dos filhos de Deus que se alegram da Boa Nova.